

Contribuições de Comte e de Martineau à fundação da Sociologia

FERNANDA HENRIQUE CUPERTINO ALCÂNTARA

RESUMO: Este artigo discute em que medida Auguste Comte e Harriet Martineau contribuíram para o processo de fundação da Sociologia. Para tanto, recorre à *pesquisa exploratória bibliográfica* e *teórico-conceitual*. Propõe a revisão dos pressupostos que estruturam a história dessa ciência sobre como sua gênese ocorreu, além de contribuir para repensar a periodização disponível sobre o seu desenvolvimento, sua relação com a Ciência Social, a Ciência da Sociedade e as Ciências Sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Harriet Martineau. Sociologia. Auguste Comte. História da Sociologia.



Contributions of Comte and Martineau to the foundation of Sociology

ABSTRACT: This article discusses the extent to which Auguste Comte and Harriet Martineau contributed to the founding process of Sociology. To this end, it uses exploratory bibliographic and theoretical-conceptual research. It proposes a review of the assumptions that structure the history of this science regarding how its genesis occurred, in addition to contributing to rethinking the periodization available on its development, its relationship with Social Science, the Science of Society and the Social Sciences.

KEYWORDS: Harriet Martineau. Sociology. Auguste Comte. History of Sociology.

**FERNANDA HENRIQUE CUPERTINO
ALCÂNTARA**

Doutora em Sociologia pelo IUPERJ/RJ.
Professora Titular da Universidade Federal
de Juiz de Fora, Campus de Governador
Valadares (UFJF-GV).
E-mail: fernanda.alcantara@ufjf.br

DATA DE ENVIO: 23/10/2023

DATA DE APROVAÇÃO: 06/05/2024

1 Introdução

A *fundação* da Sociologia não resultou apenas do esforço de uns poucos indivíduos e a pesquisa sobre a sua história demonstra que várias(os) intelectuais contribuíram para a institucionalização da nova ciência. Por conseguinte, ela é produto de um esforço coletivo pouco estudado e problematizado de modo incipiente. No entanto, daí não decorre que seja impossível identificar as contribuições individuais e mapear a presença de cada uma em separado por meio de documentos, registros históricos e obras publicadas ou identificadas. Além disso, ao longo destes já quase 200 anos de atividade reconhecida, a Sociologia passou por momentos distintos desde a sua *fundação* até a fase atual. Para facilitar a compreensão deste desenvolvimento científico e disciplinar enquanto um processo, também é importante delimitar adequadamente cada período de acordo com critérios objetivos e averiguáveis pelos pares.

Parece razoável e sociologicamente necessário duvidar da imagem naturalizada tanto no meio acadêmico quanto leigo de como teria ocorrido a *criação* da Sociologia. Em todo o mundo, muitas(os) pesquisadoras(es) têm se dedicado desde a década de 1980 a pautar e a investigar o tema, que ainda segue com baixa adesão ou mesmo sendo ignorado, considerado menos importante ou recebendo a classificação de coisa dada, não pesquisável, puro revisionismo e mesmo um *tabu*. É um assunto sobre o qual quase ninguém se arrisca a falar, sob pena de ser arrastado por uma espécie de linchamento acadêmico ou por campanhas difamatórias, que, geralmente, atingem os que estão na contracorrente ou questionam certo estado de coisas. Este movimento de crítica em parte foi motivado pela resistência à homogeneidade apresentada pela história institucionalizada, que teimava em não admitir a presença e a existência de mulheres, não europeus e não brancos em seu panteão. Todavia, não se restringiu às Ciências Sociais, podendo ser observado também na Filosofia (de modo forte e consolidado), na História, na Geografia, na Economia, nas Artes e na Literatura, por exemplo, mas também nas ciências de um modo geral. Embora nem de longe esse seja o motivo principal, certamente resulta desse tipo de reflexão e é uma alegação legítima. O

artigo se baseia na pesquisa empírica e teórica sobre como mitos relacionados à história da ciência e da disciplina Sociologia foram sendo forjados e reificados à revelia dos fatos.

No Brasil, apenas recentemente uma agenda de pesquisas e de eventos de divulgação científica sobre História das Ciências Sociais e da Sociologia foram promovidos, acompanhados de publicações a respeito.¹ Obviamente, reações conservadoras surgiram no mesmo ritmo de tais mobilizações, buscando descaracterizá-las, reduzi-las ao movimento feminista (sequer este adotou autoras clássicas em sua fundamentação e estas nem sempre defenderam pautas feministas) ou mesmo saindo em defesa do cânone (pelo simples fato de que as gerações anteriores assim escolheram, reificando a chamada “recepção” ou alegando que o cânone é imprescindível porque confere identidade à disciplina). Nos dois casos citados, ocorre um afastamento dos pilares da análise sociológica sobre a produção do conhecimento e nos aproximamos de religiões científicas com abordagens dogmáticas e normativas.

Face a tal contexto, é urgente que se questione essa noção de “recepção” da obra e da(o) autora(r), bem como as escolhas políticas (intencionais ou não), que alimentaram esse processo. Também é fundamental compreender a resistência e a desqualificação promovida por membros da academia a pesquisas e a publicações que discutem tal estado de coisas. Essas atitudes apontam para um *tabu* em torno do cânone e um credo moderno (ainda que disfarçado), e, por vezes, até uma instrumentalização de instituições acadêmicas para retardar ou dificultar a inserção da temática na pauta das atividades e dos eventos, com um acirrado controle da agenda e dos espaços institucionais, que definem: o que é adequado, central ou periférico.

Outra questão aqui abordada refere-se a como as(os) intelectuais do século XIX, que participaram ativamente do processo de transição ou migração da Filosofia para a Sociologia, passaram

1 São exemplos de publicações: Martineau (2021; 2022a; 2022b; 2024); Alcântara (2021; 2022; 2024); Alcântara et al (2022); Castro (2022); Zen (2022); Maia (2023); Azevedo (2024); entre outros. O *Curso de Extensão 200 anos de Sociologia* (UFJF/SBS) é um exemplo de eventos promovidos para divulgação da história da Sociologia.

a ser classificadas(os) ou recepcionadas(os) pelas gerações futuras, desde o final do século XIX até a presente data. Obviamente, tal discussão acaba por resvalar na formação do *cânone* e de que modo sucessivas gerações foram formadas e influenciadas a partir de um *mito fundacional* que se dogmatizou. Ressalte-se que nenhum dos “canonizados” fez parte do período fundacional, o que, por si só, já é uma grande ironia e um fato estarrecedor capaz de minar a narrativa oficial que diz se preocupar com as fronteiras disciplinares e com a identidade do campo.

Desse modo, proponho um repensar a forma como a história da Sociologia é contada e trazer à baila de modo explícito quais os critérios escolhidos para recontar essa trajetória, além de chamar a atenção para a discricionariedade assentada no modo como esta foi produzida e reproduzida até a atualidade. Aqui cabe um adendo: nomearei *ciência da sociedade*, nos termos de Martineau, ao abordar a obra dela, e *ciência social*, *física social* ou *sociologia*, como preferia Comte, ao discutir a obra dele. Ao falar sobre a disciplina, utilizarei o termo Sociologia.

Não ignoro aqui a crítica quanto ao *etnocentrismo*, ao *colonialismo* e ao *androcentrismo*, a partir dos quais a história da Sociologia é contada. Todavia, por razões diversas não incluirei no recorte a concepção de *ciência da sociedade humana* de Ibn Khaldun (1.332-1.406 d.C.),² embora não a ignore ou a refute. Pelas evidências já difundidas, é possível que em um momento próximo, com o avanço do conhecimento acerca da obra de outras(os) autoras(es), incluindo a perspectiva oriental, seja demonstrado o já suposto, que o conhecimento assentado se refere apenas à Sociologia ocidental, como se universal fosse. Assim como, não se trata de comparar Martineau e Comte, mas de propor o debate sobre o papel deles nesse cenário da Sociologia fundacional.

Consequentemente, para discutir a versão oficial, quanto ao nascimento da Sociologia, é preciso voltar a duas obras chave muitas vezes ignoradas ou mal lidas em quase toda a formação em Ciências Sociais. A primeira delas é o “Curso de filosofia positiva” (1830-1842), de Comte, que (reza a lenda) foi o primeiro livro

2 Ver Alatas (2023) e Oliveira (2023).

a mencionar a *física social*. A segunda obra é “Como observar: morais e costumes”, de Martineau, que foi a primeira (até onde se sabe), a falar em *ciência da sociedade*.

2 Criação, fundação e institucionalização da Sociologia

Tem sido muito comum a confusão entre os processos de *criação* e de *fundação* de uma ciência. Em razão disso, o primeiro esforço precisa ser o de delimitação desses parâmetros. O ato de *criação* pode ser individualizado, podendo estar registrado em anotações e em documentos verificáveis ou noticiados. A *fundação* tende a ser coletivizada ou mesmo alcançando algum tipo de publicização do fato, sendo socializada com mais indivíduos, requerendo a conceituação e um desenvolvimento com objetivos, padrões e métodos – o que é nomeado de *tratado*. Ainda que possamos identificar os registros de *criação* pela sistematização elaborada por pesquisadoras(es) que nos antecederam, pelo acaso ou mesmo pela reconstrução objetiva da história de cada ciência, apenas com o *ato fundacional* a publicidade do fato tende a ser mais ampla. Em razão disso, ao longo da exposição buscarei problematizar em que medida podemos falar em *criação* ou em *fundação* da Sociologia por quem e quando.

Outro elemento que deve ser considerado é o desenvolvimento da ciência, de um lado, e da disciplinarização ou curricularização acadêmica de outro, não incorrendo no erro de confundir essas duas fases. Consequentemente, é necessário também separar a *fundação* da ciência, de um lado, e a *institucionalização* da ciência e da disciplina, de outro. Esse tipo de confusão também presente em textos recentes de pessoas que têm se dedicado a desembaraçar esse tipo de engano com relação ao papel de teóricas clássicas na história da Sociologia, acende o alerta para o fato de que a coisa é mais grave do que parece, indicando um desconhecimento do assunto com relação à localização espaço-temporal e temática destas no contexto geral.

Para tentar desenredar esse emaranhado de fatos distorcidos que atrapalham a compreensão de questões importantes a esse respeito, recorrerei então a dois recortes nos quais basearei a análise aqui proposta acerca do *nascimento da Sociologia*:

O *recorte espaço-temporal* que visa identificar *quem, quando e onde*. Neste caso, minha resposta parece um tanto quanto óbvia, se considerarmos o conhecimento amplamente disseminado: Comte e Martineau, década de 1830, na França e na Inglaterra. Ao longo do texto explicarei as razões dessa escolha e o fato de que ela não exclui a existência de autoras(es) e de obras, anteriores a ou desse período histórico, não identificadas ou não consideradas apropriadamente até a presente data. Desse modo, reconheço que pode ter havido sociologia sendo produzida antes da *fundação* da Sociologia e isso não consiste em uma impropriedade técnica;

O *recorte temático* que visa mapear e qualificar o *quê, de que modo, como* e a partir de quais *motivações* expressas. Para essa questão a resposta já não parece tão simples e requer um olhar mais apurado, principalmente porque temos poucos estudos acerca das obras desse período, incluindo as de Martineau e de Comte. Implica necessariamente um estudo atento das obras originais e um afastamento inicial do filtro promovido por obras produzidas por comentadoras(es), que, no afã de otimizar a formação e de sistematizar o conhecimento disponível, podem acabar por fornecer uma visão simplista e empobrecida da realidade social.

Identificar e mapear este processo do surgimento também é um movimento necessário para compreendermos em que medida a Sociologia que produzimos hoje dialoga com o seu momento fundacional e como este nos ajuda a compreender a produção do conhecimento sociológico e a realidade contemporânea. Problematizar *quando e como* a necessidade eminente e a percepção a respeito do conhecimento sociológico surgiu e passou a ser externada por intelectuais é uma importante contribuição que identifica a gênese da produção deste tipo de pensamento, seus objetos, seus métodos e seus reconhecimentos na arena pública do respectivo período. Inobstante todas estas considerações, convém lembrar que este empreendimento não é resultado de uma única pesquisa, mas de uma varredura em rede, apontando indícios, coletando dados e os publicizando. Somente assim é possível indicar contradições, lacunas e confirmações relevantes

na bibliografia disponível, já que é impossível a uma única pesquisa dar conta de identificar os dados que interessam aos questionamentos citados, sendo os diálogos e as colaborações externas de informantes não envolvidos diretamente no campo, de extrema relevância para o desenvolvimento do conhecimento a esse respeito (Alcântara et al, 2022).

É importante compreender que a busca por critérios visa tão somente contribuir para a compreensão do(s) movimento(s) que deu(deram) origem à nova ciência, filha da Filosofia. Também permite localizar as(os) intelectuais neste campo e ajuda a identificar suas contribuições na relação com o todo, afastando a discricionariedade e a eleição dos conhecidos de sempre como os “pais” da Sociologia, quando, na verdade, são netos ou bisnetos.

Alguns trabalhos já chamam a nossa atenção com relação à presença maciça de discricionariedade em como a história da Sociologia é contada, disfarçada de caráter universal e desconsiderando os dados empíricos fartamente disponíveis (Connell, 2012; Alatas; Sinha, 2023; Navarro-Fosar, 2021). Além de a formação do cânone ignorar por completo a própria história da Sociologia. Um bom exemplo é citado por Connell (2012) ao afirmar que a primeira cadeira de Sociologia na França teria sido criada em 1885 e ocupada por Charles Letourneau, enquanto a curricularização nos Estados Unidos teria ocorrido já em 1890. Contudo, até mesmo a crítica sucumbe à discricionariedade e deixa de indicar fontes ou material fundamentado que justifiquem suas próprias afirmações.

Sobre a autora e o autor trabalhados neste artigo, abordei suas contribuições de modo diferente, porque as condições deles na história das Ciências Sociais e o tratamento que receberam também foram distintos. Quanto à Martineau, fiz referência aos artigos e pesquisas que realizei abordando ou introduzindo o tema, eximindo-me de repetições desnecessárias, além de indicar a percepção de comentadoras(es) de seu trabalho. Os textos relativos ao recorte aqui adotado estão traduzidos para a língua portuguesa e sendo publicados na íntegra dentro da Coleção Harriet Martineau (Alcântara, 2024). Quanto a Comte, precisei localizar a discussão exaustivamente em seus próprios textos originais, que são pouco lidos e ignorados. Até onde sei, não existe uma

tradução disponível da sua obra completa para a língua portuguesa no Brasil. Se ainda precisei apresentar Martineau (mostrando suas fases e a importância disso para compreender sua produção intelectual), tentei reapresentar Comte (ênfatizando seu intento, suas palavras, a forma e o marco temporal). Entretanto, quanto a ambos perguntei *quando* e *de que modo* em suas trajetórias ele e ela produziram Sociologia e quais eram as características que indicavam nesta direção. Como os propósitos eram diferentes, o desenvolvimento do artigo reflete isso.

3 A física social e a sociologia de Auguste Comte (1791-1857)

O *Cours* é uma obra que reúne 72 seminários promovidos por Comte a partir de 1829, embora em 1826 ele já havia iniciado a atividade, que foi interrompida em razão de seu adoecimento e de sua internação (Cuin e Gresle, 2017, p. 22-23). Posteriormente, foi publicado o conteúdo dos seminários no decorrer de 12 anos e em seis volumes (Comte, 1877a, p. 3), pela Bachelier, em Paris, e pela Rouen Frères, em Bruxelas. Diante desse dado, uma das questões que de imediato surge é quando, ao longo desse largo lapso temporal, a *física social* foi apresentada e em quais termos. Para a pesquisa aqui empreendida utilizei a quarta edição, publicada em 1877, em francês, pela Librairie J.-B. Baillièrre et fils, e a versão original dos tomos I e IV publicados, respectivamente, em 1830 e 1839. Para Lipset (2000, p. 7), esse é o tratado de fundação da Sociologia. Essa obra estabeleceu a *física social* em seu volume 04 e explicitou sua teoria a respeito, como parte do que Comte chamava de um tratado de *filosofia positiva* envolvendo outras ciências e possuindo objetivos muito distintos do que atualmente identificamos como Sociologia (Adorno, 2008; Cuin e Gresle, 2017). A obra completa foi organizada da seguinte forma (Comte, 1877a):

- 1830: lição 01 a 18 introdução e matemática
- 1836: lição 19 a 34 física e astronomia
- 1838: lição 35 a 45 química e biologia
- 1839: lição 46 a 51 física social
- 1842: lição 56 a 60, organizadas em dois volumes, sobre dinâmica social

Já na primeira lição existe a referência à *physique sociale* e seus planos para estruturá-la. Todavia, apenas em 1839, Comte publicou o volume “La partie dogmatique de la philosophie sociale” e no tópico “Avertissement de l’auteur” ele afirmou que vários intelectuais da sua época o aconselharam a publicar primeiro a parte relativa à ciência social, o que considerou um “conseil irrationnel” (Comte, 1877b, p. 12). O autor comentou que se ressentiu dos usos que foram atribuídos ao termo “filosofia”, mas afirmou que “l’adjectif positive” conseguiria qualificar o termo tal como pretendido, pois, a *filosofia positiva* é aquela que considera as teorias como objetivando coordenar os fatos observados. Em suas palavras, o significado do termo filosofia é “le système général des conceptions humaines”, sendo que a *filosofia positiva* abarcava também os fenômenos sociais. Comte reforçou, ainda, a ideia de que existia uma *marcha progressiva do espírito humano*, na qual indivíduos e espécie estariam envolvidos, cabendo agora compreender o seu desenvolvimento (Comte, 1877a, p. 5).

O autor nos informou que o objetivo primeiro era fundar a *física social* para completar o *sistema das ciências de observação*. Consequentemente, não é possível negar a ação e o seu intento, já que estão dados e expressos de modo declarado numa obra disponível para consulta. Ele buscou fundar o *sistema filosófico positivo* (objetivo geral), no qual a *física social* era mais um elemento que faria a engrenagem funcionar (objetivo especial). Esse é um plano de ação, de poder e de reforma moral que visava atingir todas as instituições a partir de uma mesma lógica: a da filosofia e do período positivos (Comte, 1839). Se ao se referir aos estados *teológico* e *metafísico* Comte olhou para o *ser* (embora tenha citado fatos e nomes de modo aleatório e sem um método científico claro, cujos pressupostos e assertivas são repletos de adjetivos, visões etnocêntricas e sem fundamentação ou justificação de base científica), ao falar sobre o *estado positivista*, que visualizava como o futuro da humanidade, tomou por foco o *dever ser* (uma posição que não tem cunho sociológico, pois se assenta em normas, regras, não em análise e reflexão).

Outro ponto que considero relevante é que em nenhum momento o autor promoveu um descolamento da Filosofia

(Adorno, 2008, p. 59), visto que é sempre um aspecto da *filosofia positiva*, que se apresenta como capaz de e sustentada por um *sistema* dessa natureza. Por conseguinte, decidi apresentar um resumo das ciências já desenvolvidas para depois passar ao estudo dos fenômenos sociais, o que atenderia à “*ordre encyclopédique*” que estabeleceu. Ele mesmo afirmava não estar produzindo um curso de *física social*, mas de *filosofia positiva* e o próprio nome da obra deixa isso claro.

Em sua grande maioria, o texto de Comte é normativo, o que não tem nenhuma relação, com antever desenvolvimentos sociais ou institucionais a partir de relações de causalidade observáveis. Aqui já está presente o germe do mesmo autor “sacerdote”, do *Catecismo positivista*, que fundou a *religião da humanidade*. Não existe um Comte diferente em cada uma dessas fases, embora com a proposta inicial ele seja considerado “genial” e quanto ao desenvolvimento geralmente receba a qualificação de “patético” e “insano” (Turner et al, 2016), “pedante” (Adorno, 2008, p. 58) ou “insólito”, mas não “um autor maldito” (Cuin e Gresle, 2017, p. 23). Tais afirmações, positivas ou negativas, nada nos dizem sobre os argumentos e a metodologia utilizados, nem focam no fato de que o objeto apenas recebeu nova roupagem. Mesmo não realizando pesquisa empírica, não explicando o método que denomina “*véritable observation philosophique*”, ainda assim criticava outros métodos, acusando-os de serem arbitrários e discricionários (Comte, 1877a, p. 75). Ele também não citava fontes para as suas afirmações, nem identificava ou especificava os elementos da crítica, o que dificulta a consideração de que tivesse caráter científico ou fosse pertinente. Sua adoção do chamado *método histórico* o coloca em definitivo numa condição filosófica, ainda que inegavelmente tenha sido o divulgador da necessidade de pensar o objeto sociedade e seus fenômenos sociais a partir de uma lógica científica e positivista.

Passarei agora a expor pressupostos encontrados com bastante frequência na bibliografia da área e que foram norteadores da pesquisa empreendida. Contudo, a diversidade e o desenvolvimento requeridos por cada um deles são particulares, o que causa um certo desequilíbrio no espaço dedicado a cada ponto.

O primeiro pressuposto é o de que Comte é o fundador da *física social* por tê-la nomeado em seu *Cours*, em 1830. Ainda que essa assertiva seja amplamente divulgada, ela simplesmente não procede e os fatos disponíveis são capazes de refutá-la quanto a, de um lado, o período da nomeação e a obra em que isso ocorreu e, de outro, ao caráter fundacional. Na versão de 1877, logo no “Avertissement de l’auteur”, ele alegou que parte das ideias discutidas nessa obra já haviam sido publicadas em seu *Sistema de política positiva*, datado de 1822. Ocorre que conhecemos tal livro sob o nome de *Reorganizar a sociedade* ou *Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade*. O próprio autor lhe deu ainda outro nome, chamando-o *Opúsculo*, já que de 1851 a 1854 publicou uma obra que também nomeou de *Sistema de política positiva* e a considerou mais madura para receber essa denominação. De acordo com Comte, no primeiro livro havia uma referência à renovação das “*théories sociales*”, que foi plagiada, e, por esta razão, informava o trabalho que lhe deu origem. Além de reclamar o plágio ou o mau uso do termo, ele também afirmou que cunhou a expressão em 1822. De fato, o autor não mentiu. Basta ler o livro *Reorganizar* para constatar que nele, em mais de dez vezes, existe a referência ao termo. Essa obra, inclusive, antecipou muitos argumentos e premissas que mais tarde estruturaram o *Cours*, que ficou conhecido como sua obra seminal. Todavia, foi numa passagem nada solene que a *física social* cai no texto, sem aviso, sem qualquer conceituação ou apresentação devidas (Comte, s/d b, p. 95), sendo acompanhada de novas menções soltas nas páginas que se seguem (Comte, s/d b, p. 97 e 98). Convenhamos que essa não foi uma boa primeira impressão sobre o tema, que aparece como algo periférico, de menor importância ou fortuito. Essa condição foi superada quando esboçou uma delimitação, definindo-a como um ramo da fisiologia, “estudo do desenvolvimento coletivo da espécie humana” e “estudo do homem” (Comte, s/d b, p. 98). O autor a descreveu como uma “ciência de observação”, que iria identificar quais *leis naturais* regem a sociedade (Comte, s/d b, p. 104). Ou, ainda, se referindo à abordagem das “classes de fenômenos sociais” e sua relação com as “leis reais do desenvolvimento”, valendo-se dos “intervalos da observação e as classes dos

fenômenos a observar”, da “máxima generalidade” para a particularidade (Comte, s/d b, p. 109).

Essas referências comprovam a afirmação de Comte, ao mesmo tempo em que demonstram qual a perspectiva atribuída ao termo naquele período e o seu grau de desenvolvimento. Em 1830, no ano da publicação do primeiro tomo do *Cours*, o autor vislumbrava desenvolver a *filosofia positiva*, tendo por sua parte a *física social*, que, segundo ele, precisou ser inventada. Assim, enunciou que essa seria a última das ciências e que dependeria das anteriores para conseguir desenvolver o seu papel. Em decorrência, convencionou-se afirmar que houve a sua *fundação* nessa data, mas foi apenas novamente enunciada. Os seus pressupostos necessários foram desenvolvidos 09 anos mais tarde na mesma obra. Essa reconstrução é processual e depende de um esforço coletivo capaz de indicar achados históricos e bibliográficos que contribuam para montar esse quebra-cabeças. Contudo, até o momento, dos fatos acessados e disponíveis, podemos afirmar que se a *física social* foi nomeada em 1822 e retomada em 1830 é porque naquele primeiro instante ela foi, no máximo, criada. Em 1839 foi fundada, tomando-se por base o critério da publicização do intento, sua estruturação e sua caracterização. Essas datas de *criação* e de *fundação* são aplicadas de modo tão problemático que vários textos fazem referências contraditórias a elas. Mas, um exemplo bastante problemático pode ser visto em Mucchielli (2021, p. 40): “Por certo, o princípio da existência de uma nova ciência batizada de Sociologia foi estabelecido já em 1856 por Auguste Comte, na 47ª Lição do Curso de Filosofia Positiva”.

Não implica dizer que a *física social* surgiu de um momento isolado de inspiração. Basta recorrer ao próprio autor para confirmar isso, pois ele elegeu Montesquieu (1689-1755) e Condorcet (1743-1794) como os principais responsáveis pelo estágio de desenvolvimento ao qual chegou a *ciência social* de sua época. De acordo com suas perspectivas, embora esses teóricos tenham se esforçado em consolidar esse legado, Montesquieu não teria tido condições adequadas para descobrir as leis sociais (Comte, 1877b, p. 183) e Condorcet teria produzido apenas percepções incidentais. Comte caracterizou o trabalho deles como de uma inegável

precocidade e do seu aborto inevitável, mas alinhados com o desenvolvimento futuro de uma *positividade*, já que se assentavam na análise dos fatos históricos (Comte, 1877b, p. 192), além do desenvolvimento da noção de ciência e de progresso social da humanidade. O que indica que a *ciência social* tal como identificada por ele foi uma tentativa dentro da Filosofia de se estudar fenômenos sociais, o que, de fato, não é pouco.

Disso decorre que o autor admitiu a existência de uma *ciência social* que precisaria ser refundada com bases positivas, acreditando que estas correspondiam ao caráter científico. Isso é inconteste, pois tais afirmações são do próprio Comte, confirmando que não criou uma ciência, mas sim a reformulou (Comte, 1877b, p. 210 e 229). No rastro dessas discussões já pautadas com reflexões já conhecidas, ele esperava alcançar a condição ideal para a “la fondation d’une véritable science sociale” (Comte, 1877b, p. 191). Mais do que uma ciência nova sendo criada, afirmou que se tratava de uma nova roupagem, relativa a algo que já existia e que era reconhecido pelos pares. Na esteira desses argumentos, insistiu que nessa nova versão havia uma “[...] subordination rationnelle de la physique sociale envers l’ensemble des autres sciences fondamentales” (Comte, 1877b, p. 337).

Essa *ciência social*, no singular, encontrava-se em um estado de infância prolongado e não teria se desenvolvido o suficiente (Comte, 1877b, p. 36). Notem o quão distante essa perspectiva está de como pensamos a Sociologia contemporânea como uma diversidade de conhecimentos e de metodologias que coexistem, além do fato de as referências à doutrina e à especulação (Comte, 1877b, p. 13) passarem longe não apenas da perspectiva contemporânea, como também daquelas relativas ao próprio século XIX. Assim, a *ciência social* teria passado pelos *três estados*, sendo o primeiro o seu *estado teológico* (fundado na doutrina do sistema teológico e militar) e o segundo o seu *estado metafísico* (associado ao protestantismo e a um tipo de “filosofia negativa”) (Comte, 1877b, p. 20). Portanto, o “movimento filosófico” é que desencadeava ou fomentava a “renovação da ciência social”, sendo que a humanidade precisaria chegar a um dado estágio do desenvolvimento para produzi-la e tais atributos seriam característicos da

modernidade (Comte, 1877b, p. 166, 175 e 177). O autor acreditava que as condições vigentes anteriormente não eram adequadas para o estudo dos fenômenos sociais, o que teria postergado o desenvolvimento dessa, asseverando que a Revolução Francesa foi um marco importante a esse respeito, por ter demonstrado a noção de *progresso*, que, seria a “[...] première base nécessaire de toute véritable science sociale” (Comte, 1877b, p. 169).

O segundo pressuposto é o de que Comte abandonou o termo *física social* o renomeando de *sociologia* na obra “Discurso sobre o espírito positivo”. Este é um erro que eu mesma reproduzi em dois artigos meus (Alcântara, 2021, p. 2; 2022, p. 178) e que é amplamente disseminado na área. Após aprofundar meus estudos e revisitar a obra do autor em sua versão original pude confrontar essa falsa assertiva. Dito isso, de fato não consegui identificar no primeiro tomo do *Cours* qualquer referência à *sociologie*, porém, salta aos olhos o fato de que no quarto tomo existem, ao menos, 39 referências à *physique sociale*, 61 à *science sociale*, 86 à *sociologie* e 93 à *sociologique*. Isso derruba o mito de que ele só teria usado a palavra *sociologia* ou *sociológico*, no livro *Discurso sobre o espírito positivo* (1844), além de demonstrar que a usou de modo predominante ainda na obra anterior. Essa consulta foi realizada na edição original, de 1839. Resta, agora, descobrir em quais condições e com qual significado essas três referências apareceram no livro. Embora seja um trabalho de garimpo, facilitado pelas tecnologias disponíveis hoje, é um esforço necessário para compreendermos a existência, os usos e as atribuições conferidas no texto original.

Em uma nota de rodapé, Comte explicou o termo *sociologie*, indicando que se tratava do momento em que adotou pela primeira vez o seu uso em substituição do termo *física social*. Entretanto, de acordo com o autor, o novo termo não alteraria o significado atribuído à *física social* (Comte, 1877b, p. 185). Além disso, existe a suspeita de que o termo *sociologie* não tenha sido criado por Comte, mas por Emmanuel-Joseph Sieyès (1748-1836). Guilhaumou (2006) afirma que Sieyès produzia manuscritos e que em um datado de 1780 nomeou e propôs a *sociologie*. Seus *Des manuscrits de Sieyès* (1773-1779) foram reimpressos em 1999, em

Paris, pela H. Champion e o tomo II relativo aos escritos de 1770-1815 foram publicados em 2007.³

O terceiro pressuposto é que, no *Cours*, o autor desenvolveu sua teoria a respeito da *física social*. Essa assertiva é verdadeira. O quarto tomo, “A filosofia social e as conclusões gerais”, da referida obra, foi estruturado da seguinte forma:

- 46ª Lição. Considerações políticas preliminares sobre a necessidade e desejabilidade da física social, com base na análise fundamental do estado social atual
- 47ª Lição. Breve apreciação das principais tentativas filosóficas empreendidas até agora para constituir a ciência social
- 48ª Lição. Características fundamentais do método positivo no estudo racional dos fenômenos sociais
- 49ª Lição. Relações necessárias da física social com os outros ramos fundamentais da filosofia positiva
- 50ª Lição. Considerações preliminares sobre estática social, ou teoria geral da ordem espontânea das sociedades humanas
- 51ª Lição. Leis fundamentais da dinâmica social, ou teoria geral do progresso natural da humanidade

Nele, Comte asseverou que as noções de *ordem* e *progresso* são indivisíveis, sendo que a sua “ambition intellectuelle” era “découvrir les véritables lois naturelles”. De igual modo, atrelou a “progression sociale” ao descobrimento das suas “lois essentielles” (Comte, 1877b, p. 359) que seriam as “lois fondamentales du développement social” (Comte, 1877b, p. 183 e 303). A *física social* era o “dernière branche fondamentale de la philosophie positive” (Comte, 1877b, p. 165) e o intento do autor era falar sobre o “méthode en physique sociale”. Dito isso, é importante refletir acerca da concepção da nova ciência proposta por ele, começando por sua explicação de que, na *sociologie*, é preciso promover uma “décomposition” capaz de distinguir “[...] radicalement, à l’égard de chaque sujet politique, entre l’étude fondamentale des conditions d’existence de la société, et celle des lois de son mouvement continu”. Nos mesmos termos, defendeu que a *física*

3 Informação gentilmente fornecida por Navarro-Fosar.

social também deveria ser decomposta “[...] en deux sciences principales, sous les noms, par exemple, de statique sociale et dynamique sociale” (Comte, 1877b, p. 231). Para Adorno (2008, p. 60-61), nisso consistia o “caráter duplo ou a ambiguidade da Sociologia” desde a sua fundação.

Acerca da divisão da Sociologia, Comte afirmava que essa poderia ser inconveniente ou mesmo inoportuna e irracional se não estivesse inserida num projeto amplo. Considerou que o caráter do método sociológico não se restringia à *física social*, insistindo na ideia de que esta estava subordinada ao “système des sciences fondamentales” e propondo duas formas de abordá-la: os “divers moyens d’exploration qui lui sont propres” e as “relations nécessaires de la sociologie avec le système des sciences antérieures” (Comte, 1877b, p. 295). O autor afirmou que existia uma correlação direta entre os estudos científicos e o espírito positivo (Comte, 1877b, Lição 48) e advertiu que a *ciência social* precisaria atender às “conditions essentielles de la positivité” e romper com o que ele denominou isolamento para se integrar na “véritable rang encyclopédique” (Comte, 1877b, p. 337). Vejam que Comte falava de *ciência social* preliminar que daria fundamento para o surgimento da *sociologia* e, depois, remeteu, em alguns momentos, a uma *filosofia sociológica*, que não obstaculizaria a constituição da *ciência social* (Comte, 1877b, p. 358, 360 e 385), além de fazer referência às *teorias sociais* em diversas passagens.

O autor falou sobre a necessidade de se definir primeiro “l’ensemble des lois purement statiques de l’organisme social”, nomeando-o como *sociologia estática*, que seria a responsável por analisar as “[...] actions et réactions mutuelles qu’exercent continuellement les unes sur les autres toutes les diverses parties quelconques du système social [...]” (Comte, 1877b, p. 235). O “consensus fundamental de l’organisme social” é apontado por ele como um princípio da *sociologia estática* e como uma das principais características atinentes ao método sociológico. Assim, assumiu uma perspectiva global e sistêmica dos fenômenos sociais, para, num segundo momento, considerar a sua especialidade: procede-se, portanto, do todo para as partes. Essa não seria uma característica restrita à Sociologia, posto que, de acordo com sua

concepção, existiria uma “l’invariable unité de la méthode positive fondamentale” (Comte, 1877b, p. 260). Todavia, o que Comte denominou “doutrina sociológica” teria por fundamento e por utilidade realizar, conforme o que compreendia ser uma concepção racional, o estudo do movimento social, que prescindiria, num primeiro momento da observação direta (Comte, 1877b, p. 235).

Desse modo, a *sociologia dinâmica* é caracterizada pelo autor como a representativa do ou que se dedica a estudar o movimento e o progresso, que ele preferiu chamar de “desenvolvimento gradual da humanidade”. Portanto, formado por estados sociais consecutivos, que estão entrelaçados numa lógica na qual o anterior promove o seguinte, ao lhe fornecer suas bases e condições necessárias (Comte, 1877b, p. 263). Comte justificou que a *dinâmica social* é alimentada pela realidade, não pela idealidade, o que promoveria uma superação de debates que considerava metafísicos. Ao final, o alcance, que é dito abarcar toda a espécie humana, é restrito a toda a “raça branca” e remete à perspectiva evolucionista ao falar em “povos mais avançados” (Comte, 1877b, p. 384). Não bastasse isso, o autor alegou que a biologia positiva tratava o “sexo feminino” como estando numa espécie de “estado de infância contínua”, afirmando que isso demonstrava o quanto as mulheres estariam distantes do “tipo ideal da raça”. Comte afirmava que essa conclusão resultava de apreciação científica e que a *sociologia* teria a função de demonstrar que a igualdade de sexos é uma quimera, derivada do “espírito de aberração metafísica” e de “anarquia intelectual”, falando em “sommaire appréciation sociologique de la subordination domestique” (Comte, 1839, p. 413). Littré (1877, p. 633), um seguidor de Comte, afirmou que as opiniões sociais e as opiniões biológicas do autor sobre as mulheres eram bastante diferentes, citando por exemplo o tratamento que ele conferiu à própria Martineau: agradecendo pelo trabalho realizado e pelo pagamento de direitos autorais; associando isso à relação entre mulheres e o sacerdócio da humanidade; destacando e reiterando o questionamento sobre a escrita e a capacidade das mulheres.

A primeira base de qualquer lei sociológica seria igual à noção fundamental da progressão humana, mas sem as mulheres e as

“raças não brancas”, ao que tudo indica, ou, ao menos, num ritmo “atrasado”. Lembrando que, para ele, não existia uma perfeição humana que pudesse ser demonstrada em termos positivos, mas um desenvolvimento contínuo da natureza humana, que poderia ser expresso por leis invariáveis de evolução. A necessidade de leis sociológicas (tanto com relação ao estado estático quanto ao dinâmico) e de análise dos fenômenos sociais limitados pela condição biológica da evolução humana analisados de um modo sistemático, não isolado, insistindo recorrentemente que o todo se sobrepõe às partes e que deve prevalecer no *método sociológico* (do sistema aos elementos).

É preciso compreender o que Comte considerava enquanto método cientificamente orientado, referindo-se ao *método sociológico* como sendo superior e capaz de banir o *empirismo* e a *experimentação* por tentativa e erro (Comte, 1877b, p. 380). Além disso, afirmou que “[...] en sorte qu’il ne peut ici être nullement question d’un vrai traité logique préliminaire de la méthode en physique sociale”, pois o seu desenvolvimento dependeria dos usos atribuídos e de um processo gradual de consolidação (Comte, 1877b, p. 210). E descreveu a pesquisa empírica como:

[...] une irrationnelle répugnance absolue, aujourd’hui presque unanime, contre toute sorte de théories sociales. Il ne s’agit pas seulement ici de l’antagonisme général et spontané entre la pratique et la théorie, simplement aggravé par l’état d’enfance où languit encore la science sociale [...] (Comte, 1877b, p. 113).

Sobre o *método comparativo*, o autor alegou que deveria reunir dados relativos a sociedades humanas existentes em diferentes estados de desenvolvimento e o princípio que o orientaria é o de que existe uma natureza humana única (Comte, 1877b, p. 316). Buscava as generalizações para fugir do que denominava empirismo sistemático e afirmava que o *método comparativo* era um *método histórico*. Caberia à ciência sociológica realizar a comparação histórica entre os diferentes estados consecutivos da humanidade, adotando a fundamentação histórica como um de seus pilares, alegando que somente com “[...] la prépondérance philosophique de la méthode historique” seria possível combater a *filosofia metafísica* (Comte, 1877b, p. 327).

Entendia que a observação por si só não era suficiente para compreender a realidade e sugeriu que teorias fossem comparadas às leis, como ele próprio fazia ao caracterizar a *teoria positivista* (Comte, 1877b, p. 301). De acordo com sua concepção, a observação refletiria uma forma de *experimentação*, que considerava impossível de ser utilizada na Sociologia por suas dificuldades inerentes. Novamente se referiu a uma quimera, tendo falado em *leis da harmonia, leis sociológicas, leis fundamentais da natureza humana e leis de sucessão social*. A princípio, o autor discutiu a natureza e a importância da *filosofia positiva*, atrelou a “loi fondamentale du développement de l’esprit humain” ao estudo dos fenômenos sociais, da qual informou não se ocupar no momento e afirmou ser impossível formar teoria a partir das observações (Comte, 1877a, p. 10), ao mesmo tempo em que alegou que se a observação era necessária, também requeria alguma teoria anterior para vinculá-la a princípios.

4 A ciência da sociedade de Harriet Martineau (1802-1876)

Mantendo o fio condutor deste artigo, Martineau estabeleceu a *ciência da sociedade*, em seu livro *Como observar*, publicado originalmente em 1838, e no mesmo parágrafo fez referência à *ciência da moral*, ambas citadas apenas uma única vez em todo o texto.

[...] ainda menos deve o artista, o filósofo naturalista, o viajante comercial, ou o estudioso clássico, ficar envergonhado por ele próprio não estar familiarizado com a ciência que, de todas as ciências das quais têm já abertas pelo homem, é, talvez, a menos cultivada, a menos definitiva, a menos incerta em si mesma, e a mais difícil em sua aplicação. Nesta última característica da **ciência da moral** jaz a desculpa de tantos muitos viajantes quanto se pode declinar pronunciar sobre a condição social de qualquer povo. Mesmo se a generalidade de viajantes fosse tão iluminada quanto eles são no presente ignorantes sobre os princípios da moral, a dificuldade de colocar aqueles princípios para uso interpretativo deteria o sensato de fazer decisões precipitadas, e proferir amplos julgamentos, nos quais viajantes até agora têm sido levados a não se

entregar. Proporcionalmente, tanto homens tornam-se sensíveis como são infinitas as diversidades de homens, como incalculáveis as variedades e influências das circunstâncias, a frieza da pretensão e decisão abaterá, e o ótimo trabalho de classificar as manifestações morais da sociedade será confiado aos filósofos que carregam a mesma relação para a **ciência da sociedade** como Herschel faz para a astronomia, e Beaufort para a hidrografia (Martineau, 2021, p. 26, grifos meus).

Por outro lado, no livro *Sociedade na América*, publicado em 1837, não existe qualquer referência aos termos *science of society* e *social science*, salvo melhor juízo. Já quanto à *moral science*, existe uma referência apenas: “[...] enquanto a política é inquestionavelmente um ramo da ciência moral [...]” (Martineau, 2022, p. 36).

Não ignoro o fato de que existem comentadoras(es) que atribuem à autora a criação da *ciência da moral* (Navarro-Fosar, 2021, p. 297) ou da *ciência da moral e dos costumes* (Sinha, 2023), cabendo verificar a relação entre estas e a *ciência da sociedade*. Particularmente, entendo que ela tomou a moral como um objeto de estudo, assim como os costumes, mas não se dedicou a uma *teoria da moral*. Por outro lado, se dedicou a compreender o funcionamento das instituições sociais e como as morais eram expressas por meio destas (Lipset, 2000).

No que tange à fundação da Sociologia, o livro *Como observar* é um marco incontroverso, principalmente por se dedicar a sistematizar o método de observação social (Alcântara, 2022) e a construir uma teoria epistemológica (Lipset, 2000). Esse livro também se destacou como símbolo de uma guinada na carreira da autora, acerca da produção do conhecimento, ao problematizar em profundidade a forma com a qual a sociedade pode ser compreendida, observada, descrita e analisada. Para tanto, ela indicou os “requisitos para a observação” e os “métodos mecânicos” (Martineau, 2021, Parte I e II). A preocupação com a relação entre pesquisador e pesquisados marca todo o texto, asseverando a necessidade de uma relação horizontalizada e empática:

Se um homem não tem simpatia, não existe ponto do universo (nenhum tão amplo quanto a ponte mammoediana sobre o poço sem

fundo) onde ele possa se encontrar com seu semelhante. Tal pessoa está, de fato, se debatendo no fundo do poço, com apenas as sombras de homens sempre voando sobre ela (Martineau, 2021, p. 63).

Além da prática e da teoria fundamentadas por dados recolhidos em campo, que fazem desta obra um ícone nesse período, problematizando não apenas a produção de teoria e a orientação por princípios, como o próprio ato de pesquisar.

Enquanto os viajantes continuam a negligenciar os significados seguros da generalização, os quais estão ao alcance de todos, e constroem teorias sobre as manifestações das mentes individuais, existe pouca esperança de inspirar homens com aquele espírito da imparcialidade, deferência mútua, e amor, os quais são os melhores iluminadores dos olhos e retificadores do entendimento (Martineau, 2021, p. 30).

O livro resultou das reflexões gestadas nas pesquisas que ela já havia empreendido, incluindo a que realizou sobre a Democracia norte-americana. Nele não se encontra um projeto político de reforma da sociedade, nem tampouco um tratado filosófico, com postulados alicerçados em preceitos de retórica e de lógica. Pelo contrário, embora reconheça o importante papel da Filosofia, a autora consegue virar a página em termos epistemológicos e falar sobre em que consiste tal ação. Tanto é assim que o pesquisador preparado e capaz de produzir “generalização segura” é o “viajante filosófico” (Martineau, 2021, p. 43).

Acima de todas as coisas, o viajante não deve desesperar-se por bons resultados para suas observações. Porque ele não pode estabelecer conclusões verdadeiras por meios imperfeitos, ele não deve desistir de fazer qualquer coisa que seja. Porque ele não pode seguramente generalizar em um sentido, não decorre daí que não exista outro caminho. Existem métodos de generalização segura dos quais eu devo falar um por um. Entretanto, se não existissem tais ao seu alcance, se os únicos materiais estivessem no discurso, as opiniões, os sentimentos, o sentido da vida, a aparência, vestimentas, e

modos dos indivíduos, ele ainda pode realizar importantes contribuições para a ciência pelas suas observações sobre uma tão ampla variedade destes que ele pode trazer dentro de sua compreensão mental. A experiência de um amplo número de observadores, com o tempo, produziria materiais dos quais um cauteloso filósofo poderia tirar conclusões. É uma regra segura, em moral como na física, que nenhum fato é sem sua utilidade. Todo observador e registrador está cumprindo uma função; e inexistente observador ou registrador que deva sentir desânimo, enquanto ele deseja ser útil ao invés de brilhar; ser o servo ao invés de o lorde da ciência, e um amigo para os que ficam em casa ao invés de seu ditador (Martineau, 2021, p. 30).

A *ciência da sociedade* se refere à necessidade de um conhecimento assentado acerca de como é possível compreender as diversas manifestações existentes em sua época por meio de uma perspectiva pluralista, que retratasse adequada e democraticamente a realidade social e não apenas uma categoria ou fração desta. Por isso, é tão cara para ela a discussão sobre a representatividade da amostra pesquisada (Martineau, 2021, p. 86) e dos preconceitos dos pesquisadores com relação aos objetos estudados (Martineau, 2021, p. 56). No restante da obra, Martineau se concentrou em destacar seus pressupostos, discutir formas e exemplificar com a realidade já estudada por ela em *Sociedade na América* (Martineau, 2021, Parte II). Assim, não prometeu nem enunciou uma ciência, tão pouco compôs um tratado filosófico, fazendo referência a essa como coisa dada e assentada. Muito diferente do que fez 20 anos mais tarde em “What is ‘Social Science’?” (1858). Em *Como observar*, produziu uma reflexão sobre formas de conhecimento e de compreensão da sociedade, com base na observação social, para a geração de teoria calcada em formação adequada que possibilitasse a realização de tal tarefa (Martineau, 2021, Parte I). Em outras palavras, ela “inaugurou a Sociologia” (Alcântara, 2021).

Não tenho a intenção de apresentar a autora pela comparação a um autor homem (Alatas; Sinha, 2023), porém, não ignoro que tais contrapontos sejam necessários e produtivos. Entre a menção à *física social* (1822), o aviso de Comte de que recriaria a ciência

social (1830), até o livro que ele escreveu para abordar o assunto (1839), transcorreram dezessete anos. Exatamente dois anos antes disso, Martineau lançou “Sociedade na América” (1837). Um ano antes ela publicou “Como observar” (1838) e “Retrospect of Western Travel” (1838). Convenhamos que não existe reserva de vaga ou de direito quanto a isso. Martineau, até onde sei, não fez referência nesse período nem aos conceitos, nem à obra de Comte. Na verdade, ela informou em 1853, quando prefaciou o livro *The positive philosophy of Auguste Comte*, que, embora, alguns anos antes, já tivesse ouvido menção a ele, apenas leu sua obra em 1851 (Martineau, 2022a) e cartas foram trocadas entre eles ao menos em dezembro de 1853, janeiro e abril de 1854 (Littré, 1877, p. 633-644).⁴ O contato entre eles ocorreu, portanto, mais de uma década após o período aqui analisado e é por essa mesma razão, que ressalto o fato de que estas obras foram publicadas em períodos próximos. Contudo, a amplitude de sua divulgação e sua repercussão foi completamente diferente: Comte, apenas na França e na Bélgica, em francês; Martineau, quase simultaneamente nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Bélgica e Alemanha, em suas respectivas línguas (Alcântara, 2024). Ocorre que a autora era uma escritora mundialmente conhecida e suas obras foram traduzidas para o francês ainda na década de 1830. Por exemplo, em 1833-1834 a Coleção “Contes sur l’économie politique”⁵; em 1838, “De la société américaine”; em 1838, “Voyage aux États-Unis”; ou, “Tableau de la Société américaine”. Nesse período, ao menos três intelectuais se dedicaram a traduzir sua obra da língua inglesa para a francesa, sendo eles: Barthélémy Maurice; Amable Tastu; Benjamin Laroche. O que me intriga sobremaneira é que, apesar disso, não encontramos a tradução de *How to observe* nesse período. A única edição que encontrei em francês foi *Comment observer: la morale et les manières*, publicada pela Éditions Kessinger, em 2005. Isso não implica que não tenha ocorrido a tradução, mas apenas que não foi possível localizá-la com os recursos e fontes empregados. Parece claro que é oportuna uma pesquisa sobre a

4 Disponível em webfacil.tinet.cat/doctoradoUNED

5 Tanto pela Hauman, Bélgica, quanto por G. Vervloet, França, conforme pesquisa de Navarro-Fosar.

“recepção” de Martineau na França no que tange às obras originais e aos textos traduzidos. Embora esse não seja o objetivo deste *paper*, importa aqui citar que a autora era noticiada pela imprensa francesa desde os originais em língua inglesa, ao menos a partir de 1829 (Alcântara, 2024). Existe, portanto, um certo expediente que permitiu que Martineau, mesmo tendo sido traduzida para o francês em três obras que juntas somam ao menos 29 volumes, fosse tratada por Comte como inexistente. Ele afirmou em duas cartas dirigidas a ela que mantinha uma “higiene mental” não lendo nada que não fosse de autoria de “poetas continentais” (Littré, 1877). É difícil e requer um esforço monumental ignorar essa quantidade de livros de uma mesma autora circulando num país relativamente pequeno num intervalo de tempo de cinco anos e seus *Contes* foram adotados pelo governo francês no ensino formal, antes do autor publicar seu quarto tomo do *Cours*, o que alimenta a dúvida sobre como não saber dela, lê-la ou debatê-la naquele momento.

Esse tipo de expediente ou artifício é utilizado ainda hoje. Mais um motivo para ficarmos atentos às fontes primárias e à documentação disponível, não confiarmos em afirmações categóricas de quem não estuda as obras originais e se fia apenas em comentadoras(es), que, óbvio, têm um papel importante de divulgação, mas não têm o condão de substituir as palavras das(os) autoras(res), nem a leitura atenta de suas obras. Além de garantir uma visão mais próxima do que foi cunhado no texto, isso evita os recorrentes plágios (poucos dos quais conseguimos a retratação) e a ausência de referência a fontes consultadas (sejam pesquisas, artigos ou traduções), que promovem um *apagamento* da autoria e ignoram a existência de fontes disponíveis e participantes do debate público. Como o tema ainda dispõe de poucas pesquisas sérias e densas, o risco de reproduzir inverdades, afirmações sem lastro ou meras divagações é real e já conta com exemplos conhecidos. Todavia, quanto mais se investir na área, mais qualificado será o debate e melhores as suas contribuições para as questões aventadas e para o campo. Ainda estamos tateando procedimentos científicos e endeusando supostas autoridades autoproclamadas, sem questionar seus métodos, fontes e interpretações ou mesmo sua trajetória acadêmica.

Voltando à autora, de sua comunidade unitarista ela iniciou reflexões filosóficas acerca da relação entre indivíduos, religião e o mundo transcendente (Miller, 1884). Preocupada em como ensinar e em como aprimorar moralmente nossa condição humana, tendo em vista a melhoria das relações sociais e tudo o que se vincula a elas, Martineau se dedicou a estudar as instituições e o comportamento social (Silveirinha, Ferreira, 2019; Alcântara, 2021; 2022; Castro, 2022; Martínez, 2022; Sinha, 2023). Desenvolveu contos e ensaios literários que buscavam uma reflexão não dogmática sobre as condições de existência e as possibilidades de aprendizado para aprimoramento do comportamento social e o alcance de resultados benéficos para os indivíduos, no que veio a ser considerado novelas ou contos de Economia Política, com o intento de popularizar, por meio da literatura, informações sobre princípios e autores desta. Com isso, ela inaugurou a sua segunda fase de escritos (Alcântara, 2024) e alcançou fama internacional, como também alguma liberdade financeira (Martineau, 1877a; 1877b; Miller, 1884; Sinha, 2023). Seu projeto de divulgação científica havia rendido frutos, já que suas obras foram consideradas leituras obrigatórias no âmbito do Estado francês e sua inspiração em Jane Marcet rendeu-lhe uma boa interlocução com a própria autora. Na autobiografia de Martineau constam estes fatos e que o rei Luís Filipe, cujo reinado durou de 1830 a 1848, teria ordenado a Guizot que traduzisse as obras dela e que fossem adotadas no ensino regular. Entretanto, no acervo de obras atribuídas a Guizot⁶ não existe qualquer referência a tal tradução. Certamente o encargo foi como funcionário público, numa tarefa administrativa, não intelectual. Na Coleção *Illustrations*, a autora falou sobre a França e a Revolução Francesa, o que supostamente teria colocado em risco sua boa recepção neste país e Luís Filipe teria proibido a sua divulgação a partir de então. Entretanto, os dados não comprovam isso, pois as edições não cessaram. Também circulou a notícia de que o *czar* da Rússia, que comprava os volumes da tradução francesa, teria deixado de fazê-lo e de ser simpático à sua obra quando Martineau escreveu *La mer enchantée*. A recepção foi tão

6 Pesquisa realizada por Navarro-Fosar e por mim de modo colaborativo.

negativa que ela teria sido proibida de entrar na Rússia (Miller, 1884). Porém, não só foi traduzida como teve várias edições da Coleção *Contes*⁷, em Paris, La Haya e Bruxelas.

Essa *ciência da sociedade* está expressa e concretizada quanto ao método em *Como observar* e quanto à teoria em *Sociedade na América*. Desse modo, a autora não foi normativa, mas reflexiva. Não se pautou no *dever ser* da sociedade, mas no *ser* e em como estudá-lo, não apenas na teoria, mas na prática. Inobstante, alguns pressupostos que circulam afirmam algo diverso.

O primeiro pressuposto que destaco é a afirmação de que Martineau era tão somente uma precursora, pioneira ou uma escritora profissional, não uma socióloga. Palavras não são escolhidas por acaso e nem necessariamente por convicção. As relações de poder na academia impõem um passo atrás para que atores menores no circuito de influências possam ganhar um pouco de espaço sem afugentar a audiência ou serem demonizados. Intencionalmente escolhidas ou não, tais alternativas caracterizam as(os) que não estão no panteão eleito clássico como *outsiders*, aquelas(es) que apenas prepararam o terreno para as Ciências Sociais ou para a Sociologia. Exemplos não faltam, mas gostaria de destacar “precursoras” e “pioneiras”, que são termos frequentemente utilizados para designar mulheres teóricas sem atentar contra a moral acadêmica institucionalizada. Consistem numa forma de desqualificação, de reconhecimento parcial, como um trabalho menor, não teórico e no máximo introdutório (Alcântara et al, 2022). Outra forma em particular atinge Martineau ao considerá-la apenas uma “escritora profissional” (Connell, 2012), que escrevia “gêneros de viagem e jornalístico” (Sinha, 2023, p. 73). Chamar de anacronismo o entendimento (fundamentado em obras, método e conteúdo) segundo o qual Martineau era uma socióloga, asseverando que sua existência “[...] deve nos alertar para a complexidade do meio no qual a sociologia floresceu” (Connell, 2012, p. 320) é um erro crasso e demonstra ausência de leitura dos textos da autora, que sequer foram citados no artigo

7 Fonte: <https://gallica.bnf.fr/blog/21042021/harriet-martineau-conteuse-de-leconomie?mode=desktop>

mencionado anteriormente. Trata-se de uma assertiva adotada como correta sem qualquer justificativa ou parâmetro que possa ser submetido ao crivo científico.

O segundo pressuposto afirma que a autora era uma positivista comteana e uma tradutora de Comte (Sinha, 2023, p. 75). Para início de conversa, sobre qual *positivismo* estamos falando? De Saint-Simon? De Comte? Qual? Também existe aqui uma confusão recorrente entre *positivismo* e *ciência*. Em quais obras se localiza essa Martineau positivista comteana? Lembro que por mais de 50 anos ela produziu textos, livros, novelas e artigos. Embora tenha mantido algumas características ao longo de todo esse tempo, também mudou de opinião, enveredou por novas áreas e novos objetos, não se podendo alegar que sua obra é homogênea. Por exemplo, o livro que publicou em 1851 com Henry Atkinson, *Letters on the laws of man's nature and development*, que foi a porta de entrada para que ela lesse o *Cours*. A autora foi amplamente conhecida na França, 20 anos antes de ler e traduzir Comte. Além disso, era costume de Martineau citar as obras que lia e lançar referências nas notas de rodapé ou no próprio texto e em epígrafes, incluindo a edição e as páginas. Daí decorre que, até o momento, não temos notícia de que ela tenha lido Comte antes de 1851, momento no qual a autora já contava com quase 30 anos de carreira. Como chamá-la, então, de comteana? Outra questão é que isso não implica que fosse seguidora de Comte, ainda que fosse demonstrado uma fase positivista em sua trajetória. Martineau foi uma autora complexa e afirmações gerais não ajudam a compreender sua obra ou sua teoria.

Na história das Ciências Sociais, no máximo, Martineau apenas é citada como tradutora de Comte, ignorando-se que produziu muitos livros e artigos antes de se deparar com o *Cours* (Alcântara, 2024). Ela questionou Ward (1856) com veemência por apresentá-la como tendo encerrado a sua carreira após tal feito. Não bastasse isso, esse reducionismo do qual foi vítima é ainda mais grave, pois é apresentada como se fosse uma assistente de Comte, responsável pelo trabalho técnico de versar para a língua inglesa a versão original. Mas Martineau não fez isso, na medida em que produziu uma nova obra, que reduziu 06 volumes “repetitivos” e

“enfadonhos” (Martineau, 2022a) para 02 volumes com escrita lisa e fluida valorizando as ideias do autor. Obra que, ao que tudo indica, posteriormente foi reproduzida omitindo-se a autoria de Martineau e atribuindo-a a Comte, além de receber o mesmo nome da obra primária. Esse dado precisa ser confrontado com a análise das obras originais e das que se sucederam, inclusive pela notícia confirmada de que a autora teria pagado direitos autorais a ele (Miller, 1884; Martineau, 1877b; Spencer, 1904; Littré, 1877).

O terceiro pressuposto afirma que Martineau não produziu teoria e não fazia parte da academia. Como os dois anteriores, também não procede, já que suas análises são teóricas (não apenas descritivas) e em diálogo permanente com a produção teórica disponível em sua época. Não fazer parte da academia é um argumento anacrônico e uma impossibilidade institucional, já que às mulheres do período não era possibilitado, nem permitido, serem discentes, muito menos docentes nas instituições de ensino. As obras da autora contêm pesquisa de campo e teoria, mas como ela publicou muitas obras e investiu em vários campos de produção, nem todas possuíam caráter científico ou sociológico. Desse modo, é preciso fugir das generalizações e indicar as obras das quais se fala em específico. Como este artigo se propõe a discutir as obras até 1840, claramente se encontra uma epistemologia e uma teoria acerca do processo de pesquisa, desde o primeiro intento até a análise de dados e a construção teórica em *Como observar* (Martineau, 2021; Hill, 2022; Lipset, 2000). Essa obra discute não apenas pré-requisitos e métodos, mas também reflete sobre sermos demasiado ingênuos e egocêntricos quanto a percepções e perspectivas acerca da realidade social que nos propomos a observar (Alcântara, 2022). Martineau realizou um esforço teórico imenso indicando a forma e as instituições que minimamente deveriam ser observadas, demonstrando como as categorias explicativas e as relações de causalidade funcionam. Além disso, discutiu a impossibilidade de se falar em *neutralidade e imparcialidade*, demonstrando o quanto isso difere de *juízo de valor*. A solução apresentada pela autora é se preparar, estabelecer uma amostra representativa, agir com objetividade científica, empatia e ética (Martineau, 2021).

O trabalho teórico de Martineau não foi apenas metodológico, o que por si só já consiste numa grande contribuição para as Ciências Sociais. Ela se preocupou em construir uma teoria sobre a sociedade democrática, para além de uma análise das instituições democráticas e republicanas no plano do Estado. Consciente das prerrogativas da Democracia, a autora discutiu estas em relação às práticas institucionais (Lipset, 2000), incluindo partidos, governo federal, governos estaduais, legislativo, judiciário e o povo. Contudo, Martineau demonstrou, a partir de situações e de dados observados ao longo da sua pesquisa, que a Democracia não se refere nem se sustenta apenas nas instituições políticas e que estas não podem possuir aspectos despóticos, que remetam à herança feudal. Ela concluiu que não é possível que a Democracia funcione temendo o povo e oprimindo mulheres e negros (Martineau, 2022b).

A alegação de que Martineau não fazia parte do mundo acadêmico e que o mais perto que chegou dele foi ao traduzir Comte, parece sem qualquer fundamento (Sinha, 2023). Quem era Comte? Um matemático e examinador, que trabalhou para Saint-Simon e (por apresentação desse) foi tutor particular e, depois, conferencista. Comte também não fazia parte da academia, mas reuniu muitos seguidores, em razão de seus cursos livres e de suas publicações. Resta responder o que era a tal reclamada academia como legítima promotora da “recepção” e do conhecimento e quem dela fazia parte no período. Martineau era lida, citada e reconhecida, mas, por ser mulher, não pôde seguir seus estudos ou lecionar. Não se trata de ausência de capacidade de sua parte para ocupar esse espaço, mas do atravessamento de uma questão imposta por seu gênero. O correto é dizer que, mesmo impedida institucionalmente, ela circulava no ambiente acadêmico, intelectual e científico de sua época.

5 Considerações finais

Reconhecer a existência de um movimento coletivo, que aconteceu em épocas e territórios distintos, contando com contribuições diversas de autoras e de autores é um primeiro passo para retirar das Ciências Sociais esse caráter religioso que ainda hoje a

impregna e contamina com elementos dogmáticos. A canonização de santos em uma ciência em nada contribui para a compreensão acerca de como produzimos conhecimento, nem sobre como as sociedades funcionam. Desfazer o cânone não é um ataque às Ciências Sociais, mas uma oportunidade de refletirmos sociologicamente sobre nossa história e seu desenvolvimento, enquanto ciência e disciplina, ao longo de, no mínimo, os últimos 200 anos. Tal desfazimento implica num reposicionamento sociologicamente orientado, fundado em pesquisas sólidas, não apenas em especulações, oportunismos ou novos mitos. Compreender esse processo em suas diferentes fases, periodizando-o e identificando claramente o *período fundacional* (a partir de critérios objetivos), para distingui-lo do *processo de institucionalização*, é fundamental. Desse modo, a crítica precisa estar assentada numa reconstrução da história das Ciências Sociais, capaz de mapear e identificar tanto o processo de formação, as primeiras obras na transição da Filosofia para a Sociologia, a gênese da Antropologia e da Ciência Política, o intento, a identificação de um novo saber e os seus respectivos agentes intelectuais. Trata-se de uma investigação contínua e processual, complexa por natureza e quase inesgotável, incapaz de ser procedida apenas por indivíduos isolados e autorreferenciados, mas dependendo do esforço compartilhado de resultados de pesquisa que se comunicam e que produzem uma grande economia de esforços.

No momento fundacional (e provavelmente sempre) não existia uma sociologia homogênea, que se comunicava e produzia teoria a partir do mesmo lugar, debatendo os pressupostos reconhecidos. É incontestável que Comte, em 1822, propôs uma *física social* e em 1839, se referiu concomitantemente a esta e à *sociologia*. Quase vinte anos depois, ao traduzir a obra dele, Martineau retomou o autor e reapresentou sua proposta considerando-a útil. Não tenho dúvidas de que Comte muitas vezes foi mal compreendido, e que, apesar de falar em padrões científicos rigorosos, escrevia com tom dogmático. Não raras vezes existe referência ao fato dele ter sido um gênio por sua proposta, mas também menção ao seu gênio referindo-se ao seu comportamento. O texto do Comte é construído de modo hierarquizado, não considerando o leitor

como agente de reflexão, mas como quem apenas recebe conhecimento de modo passivo e acumulativo. A *física social* era uma peça num esquema maior (a *filosofia positiva*), que não se propunha a compreender a realidade, mas a modificá-la e a coordená-la. Isso faz com que a obra de Comte esteja sempre na outra margem: a do dogma, do *dever ser*, da instituição e da coordenação de uma ordem de coisas almejada, na qual a Sociologia é um meio e um instrumento. É como se na história das Ciências Sociais tivéssemos feito uma curva enorme ao chegarmos a Comte e esse se tornou um instrumento operacional para uma reforma filosófica e moral da sociedade, não para o seu estudo, já que o objetivo claro era a utilidade e a prática de coordenação dos fenômenos sociais. Assim, não houve uma guinada epistemológica na medida em que Comte permaneceu produzindo Filosofia.

Por outro lado, na margem da construção científica reflexiva teórica e empírica temos: a observação sistemática dos fatos, o desenvolvimento de métodos de observação (cujos resultados seriam refutáveis ou verificáveis pelos pares), a busca pela objetividade e o reconhecimento da(o) observadora(r) também como um elemento a ser problematizado (por carregar consigo valores e preconceitos), nos quais a Sociologia é um fim e um conhecimento por si mesmo justificável. Martineau indicou, demonstrou, dissertou e especificou instituições, condições, preparação, reflexão e método de observação.

Em face disso, defendo que resta inconcluso quem criou a Sociologia e a Ciência Social, se adotarmos a perspectiva aqui definida de que o ato de criação pode ser expresso de diversas formas e jamais teremos a condição de afirmar categoricamente que essa ou esse foi a(o) criadora(r) em definitivo. Existe a possibilidade real de várias pessoas terem interpretado esse movimento e o narrado em regiões e em épocas diferentes, ou, até mesmo, quase simultaneamente. Isso não nos impede de indicar ações, escritos, falas e obras que em algum momento deram este passo para a *criação* da nova ciência. De igual modo, também é possível delimitar o período fundacional como aquele que compreende o intervalo 1830-1840.

Por fim, não se trata de harmonização, identitarismo ou representação, mas de conhecimento da história das Ciências Sociais por critérios objetivos, lembrando que não são novas teorias e não são novas(os) autoras(es). Nós é que estamos sendo apresentadas(os) a elas(eles) agora. Deixamos de nos fazer perguntas simples e quando essas são feitas nos sentimos confrontados, ameaçados e em insegurança ontológica. A história é dinâmica; nunca está posta no sentido de dada ou conclusa. Requer de nós a capacidade de ampliar o campo de visão e de interligar os pontos, mesmo em face a uma desestabilização de convicções. Qual o fundamento do pavor de se reconhecer reproduzindo falácias, contadas por olhares viciados, não neutros (por óbvio), e que atendem a diversos interesses não declarados (talvez sequer conscientes) de que discutir a história das Ciências Sociais é, por exemplo, tirar tempo de autores consagrados. Não são as(os) apagadas(os) que roubaram o tempo do cânone, embora o contrário seja verificável. Existe um medo e uma condição reativa, mas se isso é geracional (como é sempre alegado), daqui a pouco a mudança se instalará como regra e já estamos vendo isso acontecer.

A síntese ou a fuga da leitura original é um apoio, não a coisa em si. Elas comprometem o conhecimento e colocam nele um cabresto invisível. Não deve haver pura exaltação, nem do cânone nem das(os) demais, mas estudo crítico. É um desfavor às clássicas ter que compará-las aos clássicos conhecidos, mas pode ser uma estratégia didática interessante, inclusive para desbaratar alguns argumentos. A Sociologia é plural, nós é que reificamos o contrário e nos tornamos dependentes ontologicamente dessa mentira contada várias e várias vezes, sob a alegação de que para salvar a disciplina devemos sacrificar o debate e a própria realidade. Isso não tem caráter sociológico nem metodológico, mas sim normativo. Existe uma recusa política a se questionar o cânone, visando mantê-lo como um credo moderno. E o que a Sociologia ganha com isso? Isso decorre da confusão entre busca por representação e medo de “embaralhar” as fronteiras disciplinares. Ao cabo, reitero que não é um “pulo no escuro” considerar a presença vultuosa e densa de mulheres teóricas, que foram amplamente conhecidas em seu tempo. Não é culpa da disciplina que nós não conheçamos

ou não ensinamos a respeito delas. Nosso papel consiste em jogar luz num tema obscuro e pantanoso, que nos atormenta e nos assombra, mas sobre o qual temos avançado ainda que a passos lentos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: UNESP, 2008.
- ALATAS, Syed Farid. "Ibn Khaldun (1332-1406)". In: ALATAS, Syed Farid; SINHA, Vineeta. **A teoria sociológica para além do cânone**. São Paulo: Editora Funilária, 2023.
- ALATAS, Syed Farid; SINHA, Vineeta. **A teoria sociológica para além do cânone**. São Paulo: Editora Funilária, 2023.
- ALCÂNTARA, Fernanda H. C. **A Sociologia de Harriet Martineau e a tradução de sua obra para a língua portuguesa no Brasil**. Governador Valadares, UFJF, Tese de Promoção a Titular, 2024.
- ALCÂNTARA, Fernanda H. C. Harriet Martineau (1802-1876): a analista social que inaugurou a Sociologia. **Revista Estudos Iberoamericanos**, Porto Alegre, v. 47, nº. 3, 2021.
- ALCÂNTARA, Fernanda H. C. O nascimento da observação sistemática. **Revista Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 17, nº. 1, 2022.
- ALCÂNTARA, Fernanda H. C.; DEBIA, Eliana; MATA, Giulle Vieira da; OZAMIZ, Andrea. Mulheres teóricas na Sociologia. **Revista CSOnline**, n. 36, 2022.
- AMURABI, Oliveira. Ampliando os clássicos da Sociologia a partir de Ibn Khaldun (1332-1406). **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 11, n. 27, 2023, p. 81-102.
- AZEVEDO, Alba Paulo de. Harriet Martineau. João Pessoa, **CAOS-Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, v. 1, n.32, p. 37-51, jan./jun. 2024
- CASTRO, Celso. **Além do cânone**. Rio de Janeiro: FGV, 2022.
- COMTE, Auguste. **Auguste Comte**: Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- COMTE, Auguste. **Cours de philosophie positive**. Paris: Bachelier, Imprimeur-Libraire, pour les sciences, 1839.

COMTE, Auguste. **Cours de philosophie positive**. Paris: Librairie J.-B. Baillière et Fils, 1877a. 4^a édition.

COMTE, Auguste. **Cours de philosophie positive**. Paris: Librairie J.-B. Baillière et Fils, 1877b. 4^a édition. Tome quatrième.

COMTE, Auguste. **Discurso sobre o espírito positivo**. São Paulo: Editora Escala, s/d a.

COMTE, Auguste. **Reorganizar a sociedade**. São Paulo, Editora Escala, s/d b.

CONNELL, Raewyn. O império e a criação de uma Ciência Social. São Carlos, **Revista Contemporânea**, vol. 2, nº. 2, 2012.

CUIN, Charles-Henry; GRESLE, François. **História da Sociologia**. Volume 1 – Antes de 1918. Petrópolis, Vozes, 2017.

FERNANDEZ, Brena. Harriet Martineau (1802-1876). **Projeto História**, São Paulo, v. 80, 2024.

GUILHAUMOU, Jacques. Sieyès et le non-dit de la Sociologie. **Revue d'Histoire des Sciences Humaines**, vol. 2, nº 15, p. 117-134, 2006.

HILL, Michael. Empirismo e Razão na Sociologia de Harriet Martineau. **CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, (36), 124-168, 2022.

LIPSET, Seymour Martin. Harriet Martineau's America. In: MARTINEAU, Harriet. **Society in America**. New York: Anchor Books, 2000.

LITTRÉ, Émile. **Auguste Comte et la philosophie positive**. Paris: Typographic Lahure, 1877.

MAIA, João. Ensinando a partir do Sul. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 11, n. 27, p. 5-12.

MARTÍNEZ, Capitolina Díaz. Presentación. In: MARTINEAU, Harriet. **Cómo observar la moral e las costumbres**. Madri: CIS Centro de Investigaciones Sociológicas, 2022.

MARTINEAU, Harriet. **Sociedade na América**. Governador Valadares, Editora Fernanda H. C. Alcântara, 2024. Volume II – Economia.

MARTINEAU, Harriet. Prefácio à Filosofia Positiva de Auguste Comte. João Pessoa, **CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, vol. 1, nº 28, 2022a.

MARTINEAU, Harriet. **Sociedade na América**. Governador Valadares, Editora Fernanda H. C. Alcântara, 2022b. Volume I – Política.

MARTINEAU, Harriet. **Como observar: morais e costumes**. Governador Valadares: Editora Fernanda H. C. Alcântara, 2021.

MARTINEAU, Harriet. **The positive philosophy of Auguste Comte**. London George Bell & Sons, 1896.

MARTINEAU, Harriet. **Harriet Martineau's autobiography**. Organizada por Maria Weston Chapman. Boston: James R. Osgood and Company, 1877a. Volume I.

MARTINEAU, Harriet. **Harriet Martineau's autobiography**. Organizada por Maria Weston Chapman. Boston: James R. Osgood and Company, 1877b. Volume II and Memorials of Harriet Martineau.

MILLER, Florence Fenwick. **Harriet Martineau**. Londres: W. H. Allen & CO., 1884.

MUCCHIELLI, Laurent. O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880-1914). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 35-54, 2001.

NAVARRO-FOSAR, María-Rocío. Harriet Martineau y *Household Education* (1849). **Atlánticas**, 6, 1, p. 288-317, 2021.

SILVEIRINHA, Maria João e FERREIRA, Virgínia. Harriet Martineau: socióloga radical e feminista *avant la lettre*. In: GARCIA, José Luís e MARTINS, Hermínio (orgs). **Lições de Sociologia Clássica**. Lisboa: Edições 70, 2019.

SINHA, Vineeta. Harriet Martineau (1802-1876). In: ALATAS, Syed Farid e SINHA, Vineeta. **A teoria sociológica para além do cânone**. São Paulo: Editora Funilaria, 2023.

SPENCER, Herbert. **An autobiography**. London: William and Norgate, 1904.

TURNER, Jonathan H.; BEEGHLEY, Leonard; POWERS, Charles H. **A emergência da teoria sociológica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

WARD, Thomas Humphry. *Men of the time*. London: David Bogue, 1856.

ZEN, Brenno Dalla. Entre Jean-Jacques Rousseau e Harriet Martineau. **Revista CSOnline**, n. 36, 2022.